

Estruturas do passado, violências no presente: uma análise do julgamento do personagem Theo na telenovela *Vai na Fé*

Structures of the Past, Violence in the Present: An Analysis of Theo's Trial in the *Telenovela Vai na Fé*

Fabíola Lima Silva

Mestranda em Comunicação

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

fabiolalima.pesquisa@gmail.com

Recebido: 21/08/2025

Aprovado: 29/01/2025

Resumo: Este artigo, por meio da metodologia “eventos narrativos” (Rocha, 2016), analisa como a telenovela *Vai na Fé* (2023) evidencia a persistência de estruturas históricas de opressão ao naturalizar a violência contra mulheres negras na construção narrativa do julgamento do personagem Theo (Emílio Dantas). A partir da análise das perguntas feitas pela advogada de defesa e seu assistente à vítima, bem como dos depoimentos de duas testemunhas da defesa, investiga-se como as dinâmicas de gênero e raça, herdadas de um passado colonial e patriarcal, operam na descridibilização das vítimas e na absolvição do agressor. O estudo dialoga com autoras como Kimberlé Crenshaw, María Lugones, Grada Kilomba, Gloria Anzaldúa, Sohaila Abdulali, Gayatri Spivak, Rita Segato, entre outras. Assim, compreende-se a narrativa televisiva como espaço de disputa de sentidos no tempo presente, no qual memórias e estruturas do passado tensionam práticas e discursos contemporâneos, ampliando o debate sobre gênero, raça e justiça no Brasil.

Palavras-chave: interseccionalidade; violência de gênero; narrativas televisivas.

Resumen/Abstract: This article, through the methodology of “narrative events” (Rocha, 2016), analyzes how the telenovela *Vai na Fé* (2023) highlights the persistence of historical structures of oppression by naturalizing violence against Black women in the narrative construction of the trial of the character Theo (Emílio Dantas). By examining the questions posed by the defense attorney and her assistant to the victim, as well as the testimonies of two defense witnesses, the study investigates how gender and race dynamics rooted in a colonial and patriarchal past operate in the discrediting of victims and the acquittal of the aggressor. The research engages with authors such as Kimberlé Crenshaw, María Lugones, Grada Kilomba, Gloria Anzaldúa, Sohaila Abdulali, Gayatri Spivak, Rita Segato, among others. Thus, the televisual narrative is understood as a site of contested meanings in

the present, where memories and structures of the past shape contemporary practices and discourses, broadening the debate on gender, race, and justice in Brazil.

Keywords: intersectionality; gender-based violence; television narratives.

Introdução

Podemos pensar nas telenovelas como fenômenos da cultura de mídia que, mais do que simples reflexos da realidade, constituem espaços de observação repletos de narrativas que dramatizam questões do contemporâneo. Nesse sentido, Ribeiro, Martins e Antunes (2017) apontam os discursos de determinadas épocas históricas, especialmente os midiáticos, como “espaços privilegiados, onde se travam as lutas sociais. É o campo por excelência do ideológico, onde várias vozes disputam a hegemonia das representações” (Ribeiro; Martins; Antunes, 2017, p. 3). Assim, observar as telenovelas no tempo presente é compreender que elas ultrapassam a função de entretenimento: apresentam-se como espaços discursivos nos quais se produzem e se disputam sentidos, capazes de moldar imaginários sociais e evidenciar a persistência de estruturas históricas. Dando continuidade à análise das telenovelas como espaços discursivos, as reflexões de Lopes (2010) sobre produtos televisivos também podem ser aplicadas a esse gênero, pois articulam dimensões temporais de presente, passado e futuro. Ela observa que os produtos televisivos provocam um sentido de pertencimento:

Através da comemoração e da construção de uma memória coletiva e através da antecipação e da construção de expectativas que dizem respeito a eventos ou âmbitos específicos (a ciência, a técnica, a política). Este é o nível que provoca, mesmo que de forma elementar, um sentido de pertencimento (Lopes, 2010, p. 12).

Com o mesmo sentido, Prado, Tavares e Tavares (2020) destacam que o contemporâneo, “em sentido epistemológico, possibilita lançar luz sobre dimensões sócio-históricas, ambiências e temporalidades que, muitas vezes, permanecem opacas no fluxo das interações e dos discursos (Prado; Tavares; Tavares, 2020, p. 33). É nesse cenário, marcado pela coexistência de múltiplas temporalidades e pela permanência de passados que insistem em se atualizar, que este artigo analisa o julgamento do personagem Theo (Emílio Dantas), da telenovela *Vai na Fé*, acusado de estupro de vulnerável por três mulheres negras. O evento narrativo é compreendido como um evento discursivo, no qual se evidenciam opressões históricas que constituem um passado-presente e disputam sentidos sobre a violência contra mulheres negras e sua naturalização no Brasil contemporâneo.

Vai na Fé foi uma telenovela produzida pela Rede Globo em 2023. Sua exibição no tradicional horário das sete da televisão aberta brasileira é um elemento significativo para a compreensão de sua proposta narrativa. Historicamente, essa faixa da grade é associada a telenovelas de tom mais leve, com forte presença de humor e conflitos amenizados. Nesse sentido, a abordagem de temáticas densas, como a violência sexual, o racismo estrutural e as desigualdades de gênero e classe, presentes na trama, representam um deslocamento em relação às tramas historicamente atribuídas a esse horário. Podemos assim, refletir que ao inserir tais discussões em uma faixa marcada pela leveza e pela comédia, a novela amplia o alcance social desses debates e tensiona os limites tradicionais da dramaturgia das novelas das sete.

A trama gira em torno de Sol (Sheron Menezes), uma mulher negra, na faixa dos quarenta anos e moradora da periferia do Rio de Janeiro. A partir da centralidade dessa protagonista, já é possível observar como a trama surge tensionando estereótipos historicamente atribuídos às mulheres negras na mídia brasileira, sobretudo porque não é costumeiro, na teledramaturgia nacional, a centralidade de protagonistas negras. Principalmente com a trajetória marcada por experiências socialmente atravessadas por raça, classe, gênero e religião. Sol é uma trabalhadora informal, mãe solo durante parte de sua trajetória, moradora da periferia e cristã, características que historicamente costumam ser associadas a papéis secundários e estigmatizados na televisão brasileira. Nesse sentido, a própria escolha da protagonista e a ampliação da presença de personagens negros na trama de *Vai na Fé*, que contou com um elenco majoritariamente negro (cerca de 70%¹), rompe com padrões recorrentes de representação, uma vez que esses personagens não são majoritariamente associados a papéis estereotipados, como bandidos, motoristas ou empregadas domésticas, sinalizando uma ruptura relevante com padrões tradicionais das telenovelas brasileiras.

Compreender as construções narrativas e as rupturas apresentadas por *Vai na Fé* implica reconhecer que a forma como a trama é construída está profundamente enraizada em um contexto de lutas e disputas por representatividade e protagonismo. Desse modo, ao olhar para uma telenovela, é fundamental situá-la no contexto social e histórico em que foi produzida. Desse modo, a exibição dessa novela em 2023 pode ser compreendida à luz do contexto sociopolítico brasileiro daquela época. Nessa

¹ Informação disponível na matéria publicada pelo Portal *Planeta TV* em 18 de janeiro de 2023. Matéria disponível em: Samuel de Assis sobre “Vai na Fé”: “70% do elenco é preto e não é uma novela de escravos”. Acesso em 12 jan.2026.

perspectiva, o gesto de contextualizar adquire um papel central na análise comunicacional. Como explicam Carvalho, Leal e Jácome (2021), contextualizar não significa simplesmente posicionar os objetos diante de um fundo histórico estável ou em uma cronologia linear, marcada pela sucessão ou simultaneidade de eventos. Ao contrário, trata-se de realizar movimentos analíticos capazes de perceber como os fenômenos comunicacionais atuam no mundo, são atravessados por múltiplas forças e convocam distintas temporalidades.

Dessa forma, a exibição de *Vai na Fé* em 2023 também pode ser compreendida à luz do contexto sociopolítico brasileiro marcado pelos impactos negativos acumulados dos quatro anos do governo Jair Bolsonaro, período no qual mulheres negras foram afetadas por processos de precarização da vida. Esse cenário pode ser exemplificado pela pandemia da COVID-19 que evidenciou de forma contundente essas desigualdades, tendo como marco simbólico o primeiro óbito registrado no Brasil, o da trabalhadora doméstica Cleonice Gonçalves, contaminada por seus empregadores que retornavam da Europa, episódio que explicitou a vulnerabilidade estrutural das mulheres negras no trabalho doméstico e nos regimes de cuidado (Santos, 2025). Para além da dimensão sanitária, os efeitos econômicos e sociais desse período aprofundaram a insegurança alimentar entre a população negra, especialmente entre famílias chefiadas por mulheres negras. Em 2023 os dados do 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil (VIGISAN) revelaram que 1 a cada 5 famílias lideradas por pessoas autodeclaradas pretas ou pardas enfrentavam situações de fome, percentual significativamente superior ao observado entre famílias chefiadas por pessoas brancas (Carvalho, 2023). Esse panorama evidencia como raça, gênero e classe operam de forma articulada na produção de vulnerabilidades persistentes. Nesse sentido, o ano de 2023 pode ser compreendido como um momento de inflexão discursiva no debate público nacional, na medida em que sucede a esse período marcado por retrocessos no campo dos direitos sociais e inaugura um novo ciclo político, no qual se reconfiguram expectativas em torno de políticas públicas e de agendas relacionadas à igualdade racial e de gênero. É nesse contexto que *Vai na Fé* dialoga com o tempo histórico ao colocar no centro de sua narrativa uma mulher negra e ao abordar, de forma explícita, temas como a violência sexual, o racismo estrutural e a busca por justiça, ampliando a circulação dessas discussões no espaço da narrativa televisiva.

Sol a protagonista de *Vai na Fé*, tem sua vida atravessada por desigualdades sociais, valores religiosos conservadores e restrições impostas à sua subjetividade desde a juventude. Um dos eventos

centrais da trama da telenovela é o abuso sexual sofrido por Sol em sua juventude, quando tinha cerca de vinte anos, cometido por Theo, um homem branco e rico, cuja personalidade é marcada pelo uso de sua posição social e de relações de poder para obter o que deseja, custe o que custar. A violência sexual ocorre em uma noite em que Sol vai até um baile funk, escondida dos pais, para procurar o namorado da juventude, Ben (Samuel de Assis), melhor amigo de Theo. Ao vê-la no local, Theo se aproxima e afirma que Ben não está presente e que não deseja mais se relacionar com ela. Diante dessa situação, Sol fica emocionalmente abalada, e Theo se aproveita de sua vulnerabilidade, oferecendo-lhe uma bebida adulterada. Após Sol perder a consciência, ele a leva para um local afastado e a estupra. Quando a protagonista acorda, não compreende o ocorrido como uma violência sexual.

Ao longo da narrativa, sempre que se lembra do episódio ou fala sobre o assunto, Sol atribui a si mesma a culpa, por ter desobedecido aos pais, fugido de casa para ir ao baile e aceitado uma bebida, algo que não fazia, pois nunca havia bebido anteriormente. Assim, ela passa a internalizar, por mais de duas décadas, sentimento de culpa e responsabilidade pelo ocorrido, dinâmica recorrente em contextos marcados pela naturalização da violência de gênero, especialmente quando as vítimas são mulheres negras. Essa dinâmica pode ser compreendida à luz das discussões sobre interseccionalidade e vulnerabilidade social, uma vez que, conforme destacam Aranão et al. (2025), a articulação entre diferentes marcadores sociais influencia diretamente o grau de exposição das mulheres à violência sexual:

Nota-se como a interseccionalidade entre diversos marcadores sociais influencia o grau que cada mulher tem de vulnerabilidade para se tornar vítima de um agressor sexual. Além disso, percebe-se como as mulheres negras ou pardas, refugiadas, de baixa condição econômica e pouca escolaridade são as mais afetadas por esse problema retrógrado de saúde pública que, mesmo nos dias atuais, com todos os avanços sociais, já alcançados, ainda predomina no Brasil e no mundo (Aranão, et al., 2025, p. 57).

Na contemporaneidade da narrativa, o passado de violência retorna ao centro da trama quando a protagonista passa a reconhecer o ocorrido como um abuso sexual e compreende que não teve responsabilidade pela violência sofrida, iniciando uma busca por justiça. Nesse processo, Sol descobre que Theo também abusou de outras duas mulheres negras, Janaína (Tulanih) e Graziela (Lorena Lima). A partir dessas revelações, é instaurado um processo judicial que culmina no julgamento do agressor pelo crime de abuso de vulnerável, tendo Janaína como vítima e Sol como testemunha, uma vez que o crime cometido contra a protagonista havia prescrito. Esse julgamento configura-se como o evento

narrativo central da telenovela, concentrando tensões discursivas, morais e jurídicas que permitem observar como estruturas históricas de poder seguem operando na deslegitimação das vítimas e na naturalização da violência racial e de gênero. Desse modo, as perguntas que norteiam as investigações desse estudo são: (1) é possível observar, na trama narrativa do julgamento de Theo, evidências da permanência de um passado em que a violência contra mulheres negras é naturalizada? (2) De que maneira a narrativa televisiva articula essas permanências históricas com demandas do tempo presente, produzindo disputas de sentido que dialogam com imaginários sociais historicamente constituídos?

É importante ressaltar que a análise proposta neste estudo não toma a telenovela como um reflexo direto da realidade social, mas como uma mediação simbólica atravessada por convenções narrativas, escolhas dramatúrgicas e estratégias próprias do gênero melodramático. Enquanto narrativa ficcional, *Vai na Fé* opera por meio de simplificações, ambivalências e contradições. Nesse sentido, compreende-se a narrativa televisiva, a partir da perspectiva de Lopes (2010), como um repertório simbólico de estímulos, sugestões e objetos que não se limita à reprodução de comportamentos sociais, mas que contribui para a elaboração de imagens sobre si e sobre o mundo, participando ativamente dos processos de construção da identidade e do imaginário social. Assim, o evento narrativo analisado neste estudo: o julgamento de Theo é compreendido como uma construção ficcional que disputa sentidos sobre a violência de gênero e racial, evidenciando tanto possibilidades críticas quanto os limites próprios da ficção televisiva. Metodologicamente, este trabalho adota a proposta de Simone Maria Rocha (2016) para os estudos de narrativas televisivas. A autora propõe o estudo de eventos narrativos da trama ou subtrama, que são entendidos como momentos específicos onde a narrativa concentra tensões, sentidos e conflitos. Desse modo, o julgamento de Theo será analisado como um evento narrativo. Essa escolha metodológica permite observar, de forma focalizada, como os discursos e interações nesse evento produzem significados. O estudo buscará analisar como os aspectos envolvidos durante a audiência e a absolvição de Theo podem ser vistos como uma representação da naturalização da violência de gênero e raça, reforçada por discursos misóginos e racistas.

Narrativas em disputa: Raça, Gênero e Violência.

As telenovelas estão presentes no Brasil desde a década de 1950 e continuam cativando milhões de espectadores até hoje. Hamburger (2011) observa que as novelas, embora frequentemente associadas à cultura de massa e ao entretenimento, desempenham um papel importante na

interpretação e mediação das relações sociais e políticas no Brasil. Essa perspectiva dialoga com Kellner (2001), que destaca que os conteúdos da mídia não devem ser encarados meramente como formas de entretenimento inofensivas, mas sim como veículos carregados de ideologias, intrinsicamente ligados a discursos, disputas e movimentos políticos. Assim, podemos compreender que telenovelas, possuem a capacidade de refletir as dinâmicas de poder enraizadas na sociedade, particularmente no que diz respeito às questões de raça e gênero, além de participar ativamente da construção e reprodução de narrativas que influenciam o imaginário coletivo.

Nesse sentido, ao analisar como as telenovelas podem fortalecer e naturalizar relações de poder, torna-se necessário compreender a raiz histórica dessas hierarquias. É nesse ponto que María Lugones (2014) contribui, ao explicar a violência de gênero em sua articulação com a colonialidade. A autora discute como a colonização não foi somente um processo de dominação física e territorial, mas também de controle profundo sobre a memória, a identidade e as relações sociais e espirituais dos povos colonizados. Lugones (2014) explica que, com a chamada “transformação civilizatória”, os colonizadores impuseram suas próprias noções de realidade, alterando as formas como os indivíduos entendiam a si e o mundo ao seu redor. Ela ainda acrescenta que, no contexto da colonialidade, o gênero não é uma categoria neutra, mas sim um sistema de dominação que naturaliza o controle e a violência contra corpos colonizados. A partir dessa perspectiva, Lugones (2014) desenvolve a perspectiva de “sistema moderno/colonial de gênero” para explicar como a colonização impôs um sistema de classificação tanto nos corpos quanto nas relações sociais, estruturando as hierarquias de dominação colonial.

Podemos assim pensar que a violência de gênero não ocorre isoladamente, mas sempre articulada a outras formas de opressão e exclusão social. Para mulheres negras, essa experiência é ainda mais intensa, ao atravessar o cotidiano em múltiplas camadas de violência. Grada Kilomba, em *Memórias Da Plantação: episódios de racismo cotidiano*, apresenta o conceito de “racismo cotidiano”, que “refere-se a todo vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares que colocam o sujeito negro e as pessoas de cor não só como “Outro” [...] mas também como Outridade” (Kilomba, 2019, p. 54). Essa perspectiva evidencia como a violência de gênero e o racismo se entrelaçam, conformando práticas que não somente marcam a vida das mulheres negras, mas também moldam representações sociais e midiáticas do cotidiano dessas mulheres.

No contexto da violência de gênero, os atravessamentos na vivência de mulheres negras são múltiplos: elas são oprimidas por serem mulheres e, simultaneamente, por serem negras. Kimberlé Crenshaw em 1989, definiu um nome para esses atravessamentos: “interseccionalidade”, termo criado para identificar a discriminação racial e a discriminação de gênero, “de modo a compreender melhor como essas discriminações operam juntas, limitando as chances de sucesso das mulheres negras” (Crenshaw, 2004, p.8). Gloria Anzaldúa (2005) também discute essas opressões. Embora não utilize o termo interseccionalidade, sua obra reflete sobre como as opressões de gênero, raça, classe e sexualidade não atuam de maneira isolada, mas se sobrepõem e se reforçam mutuamente. Essa perspectiva de olhar para o cruzamento de opressões evidencia como as desigualdades de gênero, raça, classe e sexualidade são categorias de opressão enraizadas em estruturas históricas que persistem no presente e moldam experiências, imaginários e representações midiáticas e formas específicas de violência sofridas por mulheres negras.

A dominação colonial mencionada por Lugones (2014) se manifesta historicamente no Brasil, onde as mulheres negras foram sistematicamente objetificadas e violentadas durante a escravidão. Scarpatti, Lins e Chakian (2024) explicam que esse fenômeno remonta ao período escravocrata, quando mulheres negras eram estupradas por seus senhores como forma de dominação e tortura. As autoras acrescentam que, posteriormente, surgiram teorias pseudocientíficas que associava características corporais, como seios fartos e nádegas grandes, à promiscuidade, reforçando a objetificação dessas mulheres. Esse legado racista persiste até hoje, contribuindo para a vulnerabilidade das mulheres negras, que continuam sendo as principais vítimas de violência sexual no Brasil². Conforme afirma o *Atlas da Violência* (2025):

Não é possível debater violência de gênero sem pensar em seus recortes, ainda que este seja um fenômeno, tragicamente, vivenciado por todas as mulheres. Sem a lente da interseccionalidade é impossível compreender os números da violência contra mulheres no Brasil, pois, se o objetivo é entender o fenômeno e enfrentá-lo, faz-se necessário conhecer as vulnerabilidades específicas de cada demografia (Atlas Da Violência, 2025, p. 57)

Desse modo, podemos compreender que o alto índice de violência sexual contra mulheres negras no Brasil é atravessado por desigualdades históricas, sociais e raciais, tornando-as especialmente

² Disponível em: No Brasil, mulheres negras enfrentam um maior risco de serem vítimas de violência física e sexual. Acesso em 10 jan.2025.

vulneráveis. Como destaca o *Atlas da Violência* (2025), é impossível compreender os números da violência de gênero sem considerar as especificidades de cada grupo demográfico. Nesse sentido, Scarpatti, Lins e Chakian (2024) enfatizam que, embora a legislação sobre a violência sexual seja relevante, ela não consegue abarcar a complexidade das experiências reais vividas por todas as vítimas:

Fato é que, na realidade, as experiências que vivemos são muito mais complexas, diversas e cheias de nuances do que esses cenários típicos dos slogans “sim é sim” e “não é não”. E é dessas zonas cinzentas entre esses cenários imaginários e essas situações reais, ambíguas e difíceis de compreender que vamos nos encarregar aqui. Temos caminhado, como sociedade, na direção de conversas cada vez mais frequentes, urgentes e, não podemos negar, desconfortáveis em relação às diversas violências cometidas contra meninas e mulheres (Scarpatti; Lins; Chakian, 2024, p. 11-12).

Assim, podemos refletir em como essa perspectiva evidencia que a violência sexual contra mulheres negras não pode ser compreendida somente por categorias legais ou normativas. Deve ser analisada à luz das estruturas históricas e sociais que a mantêm.

Diante das reflexões apresentadas, fica evidente que a violência de gênero e o racismo se entrelaçam no cotidiano das mulheres negras, reforçando desigualdades estruturais que se manifestam persistentemente, inclusive em casos de abusos sexuais. As telenovelas, como produtos culturais de amplo alcance, podem refletir essas dinâmicas de opressão, reproduzindo-as ou tensionando-as. Nesse contexto, *Vai na Fé* se configura como um espaço narrativo potente, onde a experiência de três mulheres negras denunciando um abusador expõe camadas sobrepostas de discriminação racial e de gênero, permitindo compreender como as sombras do passado continuam presentes no cotidiano e moldam as relações e representações na contemporaneidade. Assim, a análise do julgamento do personagem Theo possibilita observar como eventos no presente dialogam com estruturas históricas e memórias coletivas, revelando os modos pelos quais a opressão se reproduz sendo naturalizada.

Caminho Metodológico

Pensando que a visão de um conjunto é mais produtiva para a análise de uma telenovela, Rocha (2016) nos instrui a pensar em “eventos narrativos”, que dizem respeito a acontecimentos que “compõem uma trama (ou uma subtrama) e poderiam ser traduzidos pelos acontecimentos, pelas ações que garantem o desenvolvimento da história, como casamentos, romances, negociações empresariais, traições, disputas de poder etc.” (Rocha, 2016, p. 186). A autora explica que esses eventos podem durar ou não vários capítulos e nos permitem visualizar o entrelaçamento das tramas. Portanto, este

estudo abordará o julgamento de Theo como um evento narrativo. Dessa forma, será possível analisar os acontecimentos, seus entrelaçamentos e desdobramentos, jogando luz sobre a questão central desta pesquisa: Como o julgamento de Theo evidencia permanências do passado que seguem naturalizando a violência contra mulheres negras?

Para a análise do julgamento de Theo enquanto evento narrativo, foram selecionados trechos discursivos considerados centrais para a construção dos sentidos mobilizados ao longo desse acontecimento na trama. A escolha das falas analisadas foi orientada por critérios analíticos específicos: priorizaram-se enunciados que incidiam diretamente sobre a credibilidade das vítimas, a moralidade feminina, a sexualidade e os marcadores raciais, bem como falas que operavam estratégias discursivas de culpabilização, deslegitimação e naturalização da violência sexual. Esses fragmentos foram identificados em momentos de maior tensão narrativa do julgamento, quando as testemunhas apresentam seus depoimentos e se explicitam disputas simbólicas entre acusação e defesa. Do ponto de vista interpretativo, as falas foram analisadas em articulação com o contexto da cena, a posição ocupada pelos personagens na narrativa e as convenções do gênero melodramático, compreendendo o julgamento como uma construção ficcional que condensa conflitos sociais mais amplos. Assim, cada excerto é entendido como parte de um conjunto narrativo maior, dialogando com o desenvolvimento global do evento e com a lógica da telenovela como mediação simbólica.

Para a constituição do corpus, utilizou-se a plataforma de streaming Globoplay, na qual a telenovela se encontra disponível na íntegra. Identificou-se que a narrativa do julgamento se desenvolve nos capítulos 140, 141, 144, 146, 148, 149, 150, 152, 153 e 154. As cenas correspondentes a esses capítulos foram assistidas integralmente e os diálogos pertinentes ao julgamento foram transcritos, constituindo o material empírico analisado neste estudo. No contexto narrativo, Ben atua como advogado das vítimas Janaína e Sol. Janaína figura como vítima formal do processo, uma vez que seu caso não havia prescrito, enquanto Sol participa como testemunha, corroborando a acusação ao relatar a violência sofrida. A defesa é inicialmente conduzida por Lumiar, personagem que, naquele momento da trama, mantinha relacionamento amoroso com Theo e, como mulher branca, posiciona-se reiteradamente em favor do réu, deslegitimando as falas das vítimas. A partir do capítulo 146, após tomar conhecimento de um novo abuso cometido por Theo, Lumiar abandona a defesa, que passa a ser conduzida por outro advogado. Neste trabalho, o foco analítico recai sobre as perguntas formuladas por Lumiar e por seu assistente Fabrício (Giuliano Laffayette) à vítima Janaína, bem como sobre os

depoimentos de Dona Neide (Neyde Braga) e de Simas (Marcos Veras), que testemunham a favor de Theo. O julgamento é encerrado no capítulo 154, com a absolvição do réu sob a justificativa de “falta de provas materiais”.

Quando a vítima é a ré: a cultura da impunidade em casos de abuso sexual.

O julgamento iniciou-se com o depoimento de Janaína, que relatou suas lembranças sobre a noite no *Baile do Neinei*. Ela também foi vítima de abuso sexual no mesmo local que a protagonista Sol, sofrendo a mesma forma de violência: Theo ofereceu uma bebida com substância, e, após ela ficar desacordada, cometeu o abuso. Após o testemunho, Fabrício, assistente da advogada de defesa, deu início à fase de questionamentos, cujas perguntas estão descritas abaixo:

“Nesse dia você aceitou bebidas de quantos homens?”

“Porque os homens ofereciam bebidas nesse baile?”

“Se não tinha intenção de ficar com meu cliente, então por que não recusou a bebida?” (Fabrício, *Vai na Fé*, 2023)

Em seguida, a própria advogada Lumiar interrogou a vítima, com suas perguntas:

“A senhora fez algum exame toxicológico na época para provar que foi drogada?”

“Lembra do meu cliente abusando sexualmente da senhora?” (Lumiar, *Vai na Fé*, 2023)

A partir das perguntas dirigidas à vítima, percebe-se que a estratégia da defesa consistia em descredibilizá-la e responsabilizá-la por ter aceitado a bebida oferecida pelo agressor. Embora apresentada em uma narrativa ficcional, essa postura reproduz práticas recorrentes também na realidade, em que vítimas de violência sexual são frequentemente culpabilizadas pelo crime que sofreram. A socióloga indiana Sohaila Abdulali (2019) explica o estupro como o único crime onde a sociedade reage querendo aprisionar as vítimas e afirma que “é o único crime que é tão ruim que se supõe que as vítimas são irreparavelmente destruídas por ele, mas, ao mesmo tempo, não tão ruim que os homens que cometem devam ser tratados como outros criminosos” (Abdulali, 2019, p. 13).

Desse modo, podemos perceber que além de todas as dores e traumas, a vítima de abuso sexual que denuncia seu agressor precisa lidar com o aprisionamento social que a situação impõe. Esse aprisionamento está relacionado a outro problema recorrente em nosso país: o medo de denunciar. “No Brasil, sociedade sexista e violenta, fica mais difícil para as mulheres fazerem esse tipo de confissão pública, devido à falta de tradição e, sobretudo, pelo temor da exposição” (Figueiredo, 2019, p. 143).

O aprisionamento e o medo da exposição pública são desafios enfrentados por todas as mulheres vítimas de violência sexual. No entanto, para mulheres atravessadas pela intersecção de múltiplas opressões, como Sol e Janaína, a experiência é ainda mais complexa e dolorosa, marcada pela desumanização.

Butler (2017) explica que a desumanização consiste em negar a humanidade de certos grupos, tornando-os invisíveis e descartáveis. No caso de mulheres negras, essa desumanização é intensificada pela intersecção de raça, gênero e outros marcadores sociais, o que as coloca em uma situação de vulnerabilidade ainda maior. A negação da sua humanidade impede que sejam reconhecidas como sujeitos de direitos e dificulta a busca por justiça, uma vez que a sociedade não vê valor em suas vidas. Nessa perspectiva, Scarpati, Lins e Chakian (2024) apontam que a subnotificação em casos de agressão sexual é um problema real, influenciado por diversos fatores. As autoras argumentam que a crença de que a violência sexual deve se encaixar em um molde específico, como o denominado “estupro real”, geralmente associado a atos extremamente violentos e explicitamente forçados, faz com que muitas vítimas não reconheçam suas experiências como crimes.

Essa construção social, fortemente arraigada, deslegitima as vivências de mulheres como a Sol e Janaína, que sofreram abuso sexual e culpam-se pela situação. Podemos pensar, então, que a subnotificação, por sua vez, perpetua a cultura do silêncio, dificulta a responsabilização dos agressores e atrapalha a implementação de políticas públicas eficazes para prevenir e combater a violência sexual. Assim, dificultando a responsabilização dos agressores e atrapalha a implementação de políticas públicas eficazes para prevenir e combater a violência sexual. Outro aspecto que podemos destacar após o depoimento de Janaína é como os advogados do abusador questionaram sua credibilidade como vítima. Scarpati, Lins e Chakian (2024) explicam o conceito de vítima perfeita, que sugere que, para ser reconhecida como vítima legítima, a pessoa que sofreu o abuso precisa se encaixar em padrões comportamentais, de aparência, circunstâncias e forma de reagir que correspondam às expectativas da sociedade.

As autoras explicam que a ideia da vítima perfeita parte de uma construção social e cultural que contribui para a perpetuação de estereótipos nos casos de violência sexual. A vítima perfeita é geralmente associada a alguém considerado puro, vulnerável, que demonstra sofrimento de forma evidente e aceitável, que reage incisivamente no momento do abuso, gritando, lutando ou dizendo “não”. Além disso, a vítima deve ter um histórico impecável, e o abuso deve ocorrer em um contexto

em que não possa ser interpretado como ambíguo ou provocado pela própria vítima. A partir desses pressupostos, podemos perceber que mulheres negras nunca serão, nem são, as vítimas perfeitas. Diante disso, a interseccionalidade revela mais uma vez como a raça, o gênero e outros marcadores sociais se entrelaçam para reforçar a invisibilidade, a descredibilização e a desumanização de mulheres negras.

Simas é amigo de Theo desde a juventude, e tem uma amizade próxima com Ben. Quando soube da acusação de Sol e Janaína contra Theo, ele ficou dividido entre a lealdade aos dois amigos, o que o colocou em uma posição difícil com os melhores amigos desde a juventude. Inicialmente, Simas afirmou que não queria se envolver nessa situação, mas, diante da pressão e da complexidade do caso, ele acabou aceitando dar seu depoimento como testemunha de caráter a favor de Theo. A fala de Simas durante o julgamento reflete sua perspectiva sobre Theo e a relação deles:

“A gente ia no baile pra se divertir, cada um tinha a sua onda. Mas, eu nunca vi o Theo, fazer nada fora do normal.” (Simas, *Vai na Fé*, 2023)

Ao minimizar o comportamento de Theo em seu depoimento, Simas não apenas defende seu amigo. Ele também reflete a força do pacto da masculinidade, que opera de maneira implícita entre os homens para proteger uns aos outros, independentemente do comportamento abusivo ou imoral envolvido. Rita Segato (2016; 2018) destaca que o pacto da masculinidade cria um compromisso tácito entre os homens, no qual comportamentos violentos ou abusivos são relativizados, ou ocultados. Ao afirmar que “nunca viu o Theo fazer nada fora do normal”, Simas descredibiliza as vítimas e reafirma a normalização de comportamentos violentos e sexistas nas relações masculinas. Essa minimização, ao desconsiderar o abuso sexual, não só protege Theo, mas também reforça a ideia de que os homens devem se solidarizar e encobrir as falhas dos seus iguais, em nome de uma lealdade masculina que frequentemente nega a realidade do abuso.

Segato (2016; 2018) também destaca que esse pacto da masculinidade funciona como um mecanismo de silenciamento coletivo, onde as mulheres e suas denúncias são ignoradas ou questionadas. Essa estratégia, além de contribuir para o silenciamento das vítimas, também reforça a imunidade masculina em relação a ações abusivas, tornando a violência de gênero uma prática invisível e tolerada. Assim, podemos refletir que a fala de Simas é um reflexo de como o pacto de masculinidade perpetua a impunidade e a cultura de silêncio em torno da violência sexual. A cada repetição dessa narrativa de defesa e normalização, a violência contra as mulheres se torna mais difícil de ser combatida

e exposta. Mesmo inserida em um contexto ficcional, essa fala ressoa como um reflexo da realidade cotidiana, onde as vítimas de abuso sexual são frequentemente descreditadas e suas experiências são minimizadas em nome de um pacto de solidariedade masculina que visa proteger os agressores.

Dona Neide (Neyde Braga) é uma personagem que na trama de *Vai na Fé* representa o estereótipo da vizinha fofoqueira, presente em quase todas as telenovelas. No entanto, ela se diferencia por direcionar suas fofocas, implicâncias e ofensas com mais objetividade somente a Sol e sua família. Durante a trama, ela assume o papel de vigilante, observando constantemente a vida de Sol para julgar suas decisões e, sempre que possível, ofendê-la e deslegitimá-la. No julgamento de Theo, Dona Neide enxerga uma nova oportunidade de atacar Sol e prejudicá-la. Mesmo sem conhecer o réu, aceita testemunhar a favor dele. Seu objetivo, nesse contexto, não é somente defender Theo, mas também questionar a reputação de Sol e, assim, desacreditar seu testemunho no julgamento como uma das vítimas de Theo. Sua fala no julgamento está descrita abaixo:

“Uma verdadeira Jezebel em pele de cordeiro, de dia ta na igreja e de noite vai rebolar! [...] Essa nunca prestou desde menina. [...] Até pouco tempo ela nem sabia quem era o pai da própria filha” (Dona Neide, *Vai na Fé*, 2023)

Conforme o site Respostas Bíblicas³, Jezebel, também conhecida como Jezabel, é mencionada na Bíblia como uma rainha de Israel e esposa do rei Acabe. Ela ficou conhecida por impor a adoração aos deuses pagãos, gerando um grande conflito religioso em Israel. Além disso, mandou matar alguns profetas e tentou erradicar o culto ao Deus de Israel. Sua postura autoritária e cruel a tornou um símbolo de idolatria e corrupção. Contudo, o site esclarece que, apesar de ser amplamente utilizado, a Bíblia não menciona um espírito de Jezabel, e algumas pessoas cometem o erro de associar ações pecaminosas a um demônio específico ou a um espírito determinado. Assim, o termo “Jezebel” é utilizado como um adjetivo para descrever ações consideradas pecaminosas. Esse contexto nos ajuda a compreender como a figura de Jezebel é mobilizada na narrativa para destacar práticas conservadoras e colonialistas que, ao longo do tempo, impõem uma noção de “outridade” às mulheres que desafiam os limites sociais e religiosos.

Dona Neide utiliza o termo frequentemente para ofender Sol, não se limitando apenas a sua fala no depoimento, mas aparecendo também em diversos outros diálogos ao longo da telenovela.

³ Disponível em: <https://www.respostas.com.br/quem-era-jezabel-na-biblia/>. Acesso em 10 jan. 2025.

María Lugones (2020), traz a discussão de Patricia Hill Collins sobre a figura de Jezebel, em seu trabalho, pois esse é um dos estereótipos impostos às mulheres negras, especialmente moldado durante o período da escravidão. Lugones, após fazer leitura do trabalho de Collins, explica como esse arquétipo foi utilizado para justificar a violência sexual e a exploração das mulheres negras escravizadas. A figura de Jezebel representava a mulher negra como excessivamente sexualizada e disponível para o prazer dos homens brancos, desumanizando-a e negando-lhe qualquer controle sobre sua própria sexualidade. Esse estereótipo, portanto, permite legitimar a violência sexual sistemática, perpetuada por homens brancos contra mulheres negras, e a exploração dessas mulheres em diversos aspectos de suas vidas.

Desse modo, Lugones retoma essa discussão de Collins para analisar como esse estereótipo de Jezebel foi construído para atender aos interesses coloniais e escravocratas, reforçando a exploração sexual das mulheres negras. Assim, podemos pensar nessa fala de Dona Neide, em um julgamento de abuso sexual, onde duas mulheres negras estão acusando um homem branco, como uma exemplificação dessa dinâmica. As ofensas proferidas por Dona Neide refletem, portanto, construções sociais profundamente enraizadas em estereótipos colonialistas e racistas, além de se apoiarem em preceitos religiosos que associam a liberdade e a autonomia das mulheres negras à desonra e à imoralidade. Que associam a liberdade e a autonomia das mulheres negras à desonra e à imoralidade. O testemunho dela reflete essa dinâmica de exclusão e marginalização, onde mulheres negras que desafiam os papéis de gênero e as normas estabelecidas são vistas como transgressoras e merecedoras de julgamento moral.

Considerações finais

Com base na análise apresentada, podemos concluir que as estratégias discursivas mobilizadas no julgamento, expressas nas perguntas da advogada de defesa e de seu assistente, bem como nos depoimentos de Simas e Dona Neide evidenciam estruturas de poder que naturalizam e legitimam a violência contra mulheres negras. Especialmente nos casos de violência sexual, essas mulheres além de enfrentarem o trauma da agressão sofrida, também são aprisionadas em um lugar de culpa e descrédito, tendo sua dor desconsiderada e sua reputação questionada. Nesse contexto, podemos pensar na reflexão de Gayatri Spivak (2010), que aponta que, “se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais

profundamente na obscuridade” (Spivak, 2010, p. 85). Essa invisibilização se reflete no julgamento de Theo, onde Sol e Janaína, duas mulheres negras, não são reconhecidas plenamente como sujeitos de direito para denunciar a violência sofrida, mas sim como figuras a serem questionadas e desacreditadas.

Assim, o julgamento de Theo, tal como representado em *Vai na Fé*, oferece um espaço ficcional que reflete e permite examinar um fato da realidade. Evidenciando que, para mulheres negras, a busca por justiça não envolve somente o processo jurídico, mas também uma luta contra as estruturas históricas e sociais que insistem em silenciá-las. Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer que tais estruturas não são recentes, mas consequência de uma colonialidade persistente, que organiza até hoje normas na sociedade e determina quem pode ser ouvido, acreditado e reconhecido como sujeito de direito. O passado colonial no Brasil, marcado pela escravização e pelo controle dos corpos negros, principalmente dos femininos, permanece vivo no presente sob novas roupagens, naturalizando violências e sustentando a impunidade. A própria absolvição de Theo por “falta de provas materiais” se torna, nesse sentido, um símbolo categórico de como a justiça ainda se estrutura de modo a favorecer os agressores e deslegitimar as vítimas, reiterando a lógica da impunidade. Retomar essa dimensão colonial, portanto, é essencial para compreender que a telenovela, ao dramatizar esse julgamento, representa a ficção, mas expõe as continuidades de um passado que insiste em negar às mulheres negras o direito pleno à justiça e à humanidade.

Referências

- ABDULALI, Sohaila. *Do que estamos falando quando falamos de estupro*. Tradução: LuisReyes Gil. São Paulo: Vestígio, 2019.
- ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza: rumbo a uma nova consciência. *Revista Estudos Feministas*, v. 13, n. 3, dez 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/fL7SmwjzjDJQ5WQZbvYzczb/>. Acesso em 10 jan. 2025.
- ARANÃO, Giulia et al. *Interseccionalidade e violência sexual contra mulher: revisão narrativa. Interseccionalidade e equidade em saúde: gênero, raça e deficiências no trabalho no SUS*, v. 1, p. 48-62, 2025. DOI: 10.37885/241017819. ISBN 978-65-5360-872-6.
- BUTLER, Judith. Vulnerabilidad corporal, coalición y la política de la calle. *Nómadas*, Bogotá, n. 46, p. 13-29, jun. 2017.
- CARVALHO, Carlos Alberto; LEAL, Bruno Souza; JÁCOME, Phellipy Pereira. Contextualização e complexidades temporais: um exercício a partir da narrativa jornalística. Intercom: *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 44, p. 51-67, 2021

CARVALHO, Luiz. Com Bolsonaro 1 a cada 5 famílias lideradas por mulheres negras passou fome. *CUT*, 27 jun. 2023. Disponível em: fonte: <https://www.cut.org.br/noticias/com-bolsonaro-1-a-cada-5-familias-lideradas-por-mulheres-negras-passou-fome-bff2>. Acesso em: 10.jan.2026

CONSTANTINO, Micael. Samuel de Assis sobre “Vai na Fé”: “70% do elenco é preto e não é uma novela de escravos. *O Planeta TV*, 18 jan. 2023. Disponível em: <https://oplanetatv.clickgratis.com.br/noticias/bastidores/samuel-de-assis-sobre-vai-na-fe-70-do-elenco-e-preto-e-nao-e-uma-novela-de-escravos.html>. Acesso em: 31 dez. 2025.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. *VV. AA. Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, v. 1, n. 1, p. 7-16, 2004.

FEBRASGO. *No Brasil, mulheres negras enfrentam um maior risco de serem vítimas de violência física e sexual*. Julho de 2023. Disponível em: <https://www.febasgo.org.br/pt/noticias/item/1702-no-brasil-mulheres-negras-enfrentam-um-maior-risco-de-serem-vitimas-de-violencia-fisica-e-sexual>. Acesso em 18 fev. 2025.

FIGUEIREDO, Eurídice. Violência e sexualidade em romances de autoriafeminina. *Revista Interdisciplinar*, São Cristóvão, UFS, v. 32, p. 137-149, jul.-dez. 2019

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Atlas da violência 2025*. São Paulo: FBSP; Ipea, 2025. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2025/05/atlas-violencia-2025.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2025.

HAMBURGER, Esther. *Telenovelas e interpretações do Brasil*. São Paulo: Lua Nova, 2011.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. Bauru: Edusc, 2001

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Editora Cobogó, 2019

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Ficção televisiva e identidade cultural da nação*. Alceu, v. 10, n. 20, p. 5-15, 2010.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, [S. l.], v. 22, n. 3, p. 935–952, 2014.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 52-83.

PRADO, Denise FB; TAVARES, Frederico MB; TAVARES, Michele S. *A contemporaneidade como gesto epistemológico: modos de ver e agir pela pesquisa em Comunicação*. Mídia, tempo e interações sociais: conceitos em circulação. 1ed. Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFMG, v. 1, p. 31-53, 2020.

REDAÇÃO. Quem foi Jezabel na Bíblia. *Bíblia On Respostas Bíblicas*. Disponível em:

<<https://www.respostas.com.br/quem-cra-jezabel-na-biblia/>>. Acesso em: 10 jan. 2025.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; MARTINS, Bruno Guimarães; ANTUNES, Elton. Linguagem, sentido e contexto: considerações sobre comunicação e história. *Revista Famecos*, v. 24, n. 3, p. ID27047-ID27047, 2017.

ROCHA, Simone Maria. Os visual studies e uma proposta de análise para as (tele)visualidades. *Significação: Revista de Cultura Audiovisual*, vol. 43, n. 46, dez. 2016, pp. 179-200.

SANTOS, Isadora. Cleonice Gonçalves, primeira vítima da Covid-19 no Brasil, simboliza impacto desproporcional da pandemia sobre a população negra. *Mundo Negro*, 14 mar. 2025. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/cleonice-goncalves-primeira-vitima-da-covid-19-no-brasil-simboliza-impacto-desproporcional-da-pandemia-sobre-a-populacao-negra/>. Acesso em: 10 de jan.2026.

SCARPATI, Arielle Sagrillo; CHAKIAN, Silvia; LINS, Beatriz Accioly. *Precisamos falar de consentimento: uma conversa descomplicada sobre violência sexual além do sim e do não*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2024.

SEGATO, Rita. *Contra-pedagogías de la crueldad*. Buenos Aires: SroSeteo Libros, 2018.

SEGATO, Rita Laura. *La guerra contra las mujeres*. Traficantes de sueños, 2016.

SOUSA, R. F. de. Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres. *Revista Estudos Feministas*, v. 25, n. 1, p. 9-29, 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.